

ANO IV
1946
1405
PREÇO 550

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
Domingo
25
Agosto

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones 29201, 2/3 — Endereço Teleg.: «Popular»

TEMAS DE VERÃO

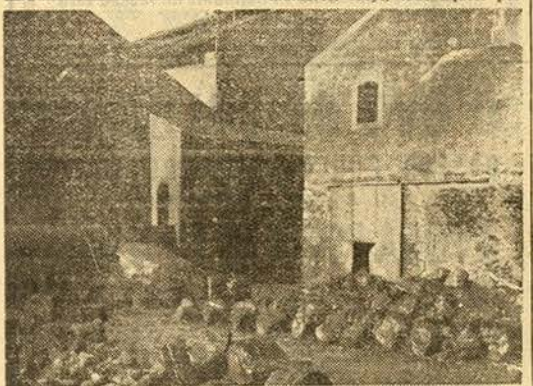
DOMINGOS DE LISBOA

É domingo. Domingo de Verão lisboeta e também domingo de Agosto á beira do Tejo. O que quer dizer: calor e vento. Os que não podem sair de Lisboa — e são tantos, são mesmo cada vez mais por pavor dos senhores dos prédios de aluguer nas encostas de turismo — aproveitam a feriado e partem de manhã cedo para os campos ou para as praias. O jornalista que não pode abandonar o ofício, fica-se a vê-los partir, e só tem como vaga compensação para o seu egoísmo, o espectáculo de um fadigado e descomposto regresso ao cair da noite. Sem estâxias junto às gares. E os selváticos cheios. E o calcorrear a pé, moídos do passeio ou cansados da brisa marítima, os nervos exaustos. Mas esufiantes de satisfação, eles e elas. Mais um domingo passou — e felizmente bem passado. Será talvez, exagero, dizer-se que toda essa gente satisfeita, moicidada das escolas, dos escritórios, das oficinas, repousam do trabalho da semana... Mas não pensou em nada e respirou quanto pôde. Não pensar! Não pensar nos telegramas que chegam dos quatro cantos deste mundo incompreensível, não pensar na refeição que tem de inventar-se adentro do raciocínio; não pensar no trabalho que ficou em meio para o dia seguinte... E, finalmente, respirar a fundo, pulmões abertos á vontade — sem a preocupação de evitar as emanções deletérias dos escapes abertos ou a forçosa promiscuidade, bastante promiscua, das plataformas dos selváticos...

Estes são os que partem; os que fogem da cidade e lhe renunciaram. Mas há também os outros — os que ficam por não quererem ou não poderem sair nem ao domingo. E há também os que ficam exactamente por ser domingo. Talvez neste dia, nesta tarde mole e arrasada, Lisboa seja mais Lisboa.

leitor amigo. Faíza-lhe decerto essa infernal e histórica sinfonia que é o businar desentreado dos automóveis através das ruas e por certo, também, as avenidas não são hoje aquelas pistas de corridas que fazem inveja às suas rivais nas praias da Flórida onde antes desta guerra se batiam todos os «records» de velocidade... Mas por isso mesmo, ao domingo, Lisboa, parece estar mais próxima dessa outra Lisboa, típica, a verdadeira Lisboa emoldurada em portais bizergues de azulejos, aqui

(Continua na 6.ª pág.)



Um aspecto da fábrica onde se declarou incêndio, vendo-se as barricas de resina queimadas

PECO A PALAVRA

ESQUECIMENTO

pelos prof. DELFIM SANTOS

Passou recentemente um centenário que deveria ter sido comemorado, se as nossas instituições de cultura tivessem bem organizado os registos dos homens que se enalteceram e, ao mesmo tempo, tornaram ilustre no estrangeiro o nome da nação. Referimo-nos a Silvestre Pinheiro Ferreira, um nome que hoje pouco ou nada significa para além

(Continua na 11.ª pág.)

A XI VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

TODOS OS CORREDORES DO NORTE ATACARAM PARA AUXILIAR A FUGA DE FERNANDO MOREIRA QUE GANHOU A ETAPA BRAGA-MONÇA MAS SEM VANTAGEM DE TEMPO

MONÇA, 25. — Teve grande aparato a partida dos corredores para a etapa entre Braga e esta vila, a 18.ª da XI Volta a Portugal em bicicleta. Depois de um dia de descanso, os estradistas apresentaram-se na avenida Central, ponto de concentração, com excelente aspecto e disposição. João Rebelo, que no ultimo dia de prova esteve doente, chegando a pôr-se em duvida a sua permanencia na competição, apareceu completamente refeito, sorridente e animado das melhores — ou piores... — intenções.

Também Fernando Moreira chegou com o seu ar confiante, escotado por uma grande legião de admiradores e acompanhado pelos dirigentes do F. C. do Porto e pelo dirigente da sua secção de ciclismo José Gouveia, que foram propo-

positadamente a Braga cumprimentá-lo e acompanhá-lo nas restantes jornadas da «Volta». Como aqueles ciclistas, também

(Continua na 4.ª pág.)



Os corredores seguem juntos e em marcha moderada preparando-se para a subida do Marão

ESTEVE EM PERIGO

DE SER DESTRUIDA PELAS CHAMAS

A FABRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

ARDERAM 80 TONELADAS DE RESINA E PASTA OS PREJUIZOS ESTÃO CALCULADOS EM 500 CONTOS

A quase totalidade da população do Tojal, trabalha na Fábrica de Papel da Abelheira, que tem no seu efectivo cerca de 400 homens e mulheres. Hoje, todo aquele pes-

soal aproveitando o dia de descanso ou ficou em casa, ou preparou as merendas, disposto a ir acampar para os terrenos em redor, a gozar um domingo de sol.

Porém, todo este plano agradável e de bem merecida tranquilidade foi subitamente alterado pela sineta da fábrica que tocou de forma anormal e toda a gente do Tojal saiu alvoroçada para as ruas.

Do edificio da fábrica, destacavam-se grossos rolos de fumo. En-

(Continua na 6.ª pág.)

O CARDEAL

PATRIARCA

PARTE NO DIA 30

PARA O BRASIL

COMO HOSPEDE OFICIAL

DO GOVERNO BRASILEIRO

A convite do Cardeal-Arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, vai presidir ás cerimónias da inauguração da Universidade Católica de S. Paulo o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, que partirá no próximo dia 30, de avião para o Rio de Janeiro, acompanhado do seu secretário particular, sr. cônego dr. Carneiro de Mesquita.

Sua Eminência o Cardeal Patriarca, durante a sua permanencia em S. Paulo, pronunciará três conferencias, sobre os temas: «Pio XII e o seu Pontificado»; «A Universidade de Coimbra e a sua influencia em Portugal e no Brasil»; «Nossa Senhora de Conceição».

(Continua na 6.ª pág.)

«A MULHER NO TRABALHO»

MAIS UM VALIOSO PRÉMIO

UM RECEPTOR DE T. S. F.

«ADMIRAL»

E não pára a lista de prémios para o nosso concurso «A Mulher no Trabalho» que o publico recebeu com entusiasmo invulgar. Dia a dia essa lista é acrescentada com novos prémios, sempre valiosos e uteis. Aqui se revela hoje mais um que vai alegrar todos os concorrentes.

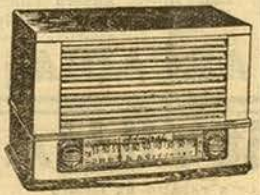
Trata-se de um magnifico receptor de T. S. F. «Admiral» uma marca que de ano para ano vem conquistando os mercados mundiais. O aparelho que vamos sortear tem as três gamas de ondas, médias, curtas e longas, e está aperfeiçoado com o circuito super-heterodino e mostrador iluminado de fácil sintonização. Tem «controlé» automático de volume e permanente magnético dinámico do alto-falante com 2 polegadas. O «Admiral», que é apresentado numa bela caixa de mogno, é inigualável em ondas curtas (16 a 49 metros)

pela sua notável sensibilidade de recepção. Como se verifica trata-se de um excelente prémio que figurará entre os mais valiosos que ofereceremos aos concorrentes. Como prémios de grande utilidade há que acrescentar á lista três cortes de fazenda para casaco de senhora, do melhor que entre nós se fabrica. São três prémios que nenhuma das nossas leitoras deixará de desejar e cujo valor é bastante elevado.

BEVIN PARTIU ONTEM PARA LONDRES

PARIS, 25. — Bevin partiu ontem para Londres onde foi discutir «problemas urgentes» com os outros membros do governo britânico. Seguiu também para Londres o Primeiro Ministro canadiano, Mackenzie King, de onde seguirá de barco para o Canadá para tratar de assuntos urgentes do seu país.

De avião partiu ontem para a Austrália o delegado australiano Evatt que vai tomar parte nas eleições australianas. O Primeiro Ministro francês, Bidault, conferenciou ontem á noite com o delegado jugoslavo á Conferência da Paz. — (U. P.)



O excelente receptor «Admiral»

O COELHO DE DOMINGO

A GIOCONDA

[POR JORGE ALLEN-JORGE]

QUANDO ela entrou, o sol fraco do meio-dia outonal, coado através das franjas verdes dos estores, fazia brilhar as letras douradas no cristal da vitrine — Pedro Estoril, Antiquidades — e dava transparência às veias pálidas do mármore, no chão.

Toda a loja se achava banhada na meia obscuridade habitual, onde tinham mais realce as volutas da talha dos armários Renascença, maior cintilação os lustres, mais profundidade a água irizada dos espelhos de Veneza, mais sump-tuosidade os veludos gastos e os damascos desbotados.

A princípio pareceu-lhe uma mulher qualquer, insignificante, enquanto da porta caminhava para o centro da casa, andando silenciosa, no contra-luz, indecisa como uma sombra. Um pouco curvada, como se lhe vergassem os ombros ao peso de um fardo invisível, apertada na cintura, à frente, o casaco preto e direito, com uma das mãos, sem luvas. Só depois reparou que não era feia nem velha e tinha uma pele lisa, polida como certos marfins e como eles exangue.

Dirigiu-se-lhe com um ar hesitante, murmurando umas palavras confusas, imperceptíveis.

Por fim, aspirou um longo hausto de ar e disse um pouco mais alto, com um tímido sorriso, e percorrendo rapidamente com os olhos fugidios as preciosas estampas napoleónicas espalhadas numa das paredes:

— Não venho comprar nada...

Na realidade, venho fazer um pedido... Um estranho pedido.

E como se receasse uma interpretação errada, ergueu num movimento de protesto a mão nuca:

— Deixe-me explicar-lhe o primeiro...

O antiquário, maquinalmente, oferecia-lhe uma cadeira.

Ela sentou-se e ficou, por instantes, calada. Depois, com uma visibilidade que se sentia forçada, começou:

— É natural que a minha «demarche» lhe pareça esquisita. Hoje, a mim já me parece normal, à força de ter pensado nela e de ter deixado fazê-la.

Tornou a respirar fundo, como ganhando forças e prosseguiu:

— Fui muito rica. É inacreditável, para quem me vir, agora, assim tão... tão pobremente (carregou na palavra, como se quisesse compensar-se a si própria da verdade) vestida. Mas fui muito rica. Filha de gente riquíssima e casada com um homem de muito dinheiro.

Abriu a bolsa e começou a procurar, febrilmente. O antiquário arrendeu-se de ter o olhar para o relógio.

— Aqui tem, disse ela estendendo-lhe um cartão. Mas, quando meu marido morreu já éramos pobres. Nesse tempo, passaram dez anos, ainda podíamos dizer apenas: «estávamos arruinados». Há uma certa diferença, uma «nuance»...

Vacilou um momento e terminou, de um jacto:

— E em resumo, tive uma casa lindíssima, vivi sempre durante muitos anos num ambiente muito sumptuoso. Hoje, tenho um quarto único e nem é meu, que não é apenas modesto. É medonho. Nunca mais vi, senão de longe, móveis, quadros, «bibeletos», como os que me rodeavam quando eu era gente. Não sei se compreende este meu desejo, mas, o que eu vinha pedir-lhe, era que me permitisse que eu estivesse aqui um bocadito, sentada, perto destas coisas, algumas das quais — quem sabe? — já foram minhas...

Acariçou com os dedos finos, de unhas descoradas, o tempo dum espíneta. E voltando-se para o antiquário com um sorriso fechado, que se desmanchava e movia quando falava, ficou esperando uma resposta.

E foi então que ele a achou preciosa com alguma coisa que já conhecia, coisa muito admirada e muito querida e cuja vista lhe germinava o coração a um tempo suave e dolorosamente. Uma pequena flor, uma paisagem, não sabia.

Disse-lhe em poucas palavras que compreendia, porque havia entre os dois a mesma afinidade de gostos que liga os bibliófilos ou os coleccionadores de borboletas e selos. Que tinha muito gosto em ser-lhe agradável, se bem que inútil, e esperava que ela dispusesse da casa sempre que quisesse.

E o silêncio apoderou-se outra vez dos seres e das coisas.

Ela ficou a olhar as delicadas cadeiras, o oiro estalado dos ícones, a frágil porcelana das chaves, absolutamente parada, com as mãos despidas cruzadas no regaço e aquele sorriso imóvel que só lhe habitava a boca fina.

«A Gioconda», pensou ele.

Era isso que ela lhe lembrava. Aquele abandono dos ombros, o arco, breve e desfeito, do sorriso, a expressão, as mãos.

Para quebrar o gelo do silêncio falou-lhe de certas peças raras que tinha à venda, da casa e outras de clientes, como por exemplo aquela preciosa «Anunciação» de Filippo Lippi e a miniatura de Le Tour, uma cabeça de mulher desconhecida, rodeada de brilhantes de extraordinário tamanho e água puríssima.

— Um tesouro, em todos os sentidos, disse ele sopesando há mão o objecto e tornando a colocá-lo no veludo escuro da vitrine do centro. Muitos centos de contos...

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça mas os seus olhos graves estavam fitos num velho punhal italiano de bainha e punho delicadamente esculpidos:

— Benevenuto Cellini, murmurou.

O antiquário sorriu, encantado, confirmando.

Nesse momento um grande relógio inglês desfilou as notas fráguas dum «minuto» de Mozart e deu a meia hora depois do meio-dia.

Ela despediu-se, estendendo o mão, pediu desculpa «do abuso e da demora», agradeceu e saiu. Mas durante uns instantes, enquanto o antiquário fechava as «vitrines» para si elmoçar, a suavidade do seu sorriso, a doçura hesitante da sua voz e a tímida graça dos seus gestos ficaram como flutuando no ar, frescos e vivos entre as coisas mortas.

Volto para um dia de chuva, à tardinha. Era já inverno. A água saltava no passeio salpicando o primeiro degrau da entrada. Ele viu-lhe o vulto escuro acolher-se, friorento, na porta. Mas não penetrou na loja. Apenas se voltou para dentro, cumprimentando com um gesto rápido, de ave assustada.

Foi ele que a foi buscar e lhe pediu que se sentasse. Ela tirou o chapéu molhado — um chapéu preto sem moda definida — limpou-o com um lenço, arranjou o cabelo, metendo-lhe entre as madeixas os dedos finos.

Era realmente bela, de uma beleza que precisava de se revelar, por assim dizer reconditada, e que noutra mulher, com um pouco de artifício, seria deslumbrante.

— Afinal voltei, mesmo sem querer, apesar do medo que tinha — e tenho — de o incomodar...

E sorria, timidamente, pousando de leve nele e em tudo os olhos córc de avê-la.

Foi um quarto de hora encantador e que Pedro recordou mais tarde, isolando-o de todo o resto,

como um dos mais inesperados e deliciosos da sua existência.

E quando esse quarto de hora passou e ela se foi, ele sentiu-se só na vida pela primeira vez, e pela primeira vez desejoso de acabar com esse isolamento de tantos anos.

Olhou-se num velho espelho e viu brilhar nas fontes a espessura descuidada dos cabelos grisalhos. Viu as duas rugas fundas que lhe rodeavam a boca. Achou-se velho como nunca, porque talvez nunca se tivesse observado, e, simultaneamente, achou-se capaz das decisões mais juvenis e extraordinárias.

O resto da tarde decorreu com uma rapidez desnusada, onde se atropelavam sonhos, projectos e o «minuto» de Mozart anunciando a hora de fechar teve aos ouvidos dele ressonâncias vitoriosas de fanfarra.

«A Gioconda» tornou mais vezes. Sentava-se a conversar, falava do passado, da infância, em farrapos de confidências com imagens curiosas, que o faziam rir e o enterneciam.

Nunca se deixava partir sem que ela lhe promettesse voltar. E ela voltava, ao entardecer — estava empregada como bibliotecária ali perto — e deixava-se ficar até que os empregados (eram dois, um raparigo, que atendia, em baixo e um homem que estava encarregado da sobre-loja) fechavam a porta.

E ela descia depois a rua e perdia-se no multidão enquanto ele seguia para casa, em sentido inverso, tímido demais ainda para lhe propor acompanhá-la.

Chegaram assim às vésperas do Natal. Entretanto, a «Gioconda» esteve quase uma semana sem aparecer e a angustia incerteza daqueles dias deu ao antiquário a certeza dum sentimento contra o qual já nem valia a pena lutar.

Durante essas longas, arrastadas tardes de expectativa procurava nas «vitrines» da loja qual o objecto bastante delicado, bastante significativo, com o qual pudesse presentear-lhe e em si mesmo a coragem para lhe perguntar: quer ser minha mulher?

Havia topázios e ametistas em pesados engastes de prata, anéis e pregadeiras espalhados no moleiro do veludo escuro em torno da miniatura de Le Tour preciosa mas invendável com as suas enormes e falcantes gemas. Havia opalas tristes e turquesas doentes, agornizando em jóias que ninguém usava há muitos anos.

Estava um dia escuro, baço, quando a «Gioconda» voltou a entrar na loja. Pedro correu-lhe ao encontro e pensou que ela devia sofrer com frio sob o casaco preto, já que trocava. Fê-la sentar e viu que tremia. Achou-lhe um ar inquieto, alheio, observou-lhe o rosto crispado, as sobrinas frementes, a transparência das olheiras lilases, e sentiu-se inundado de ternura e amorosa compaixão. Não se cansava de a olhar e de fazer durante aqueles momentos únicos que antecediam o pronunciar das frases definitivas.

Demorou-se, conversando de coisas indiferentes até que os empregados saíram. Numa gaveta da secretária, na sobre-loja, estava a prenda que afinal escolhera, um anel de águas marinhas e onix dum bizarra magnificência eslava. Tardava-lhe colocar-lho no dedo, puxá-la para si, ver-lhe repousar o olhar amedrontado na perspectiva próxima dum vida feliz.

Deitou-se e subiu a escada correndo, com uma leveza de rapaz. Chegou acima um pouco sufocado e com o coração palpitando em desordem.

No momento em que abriu a gaveta e tirou o estojo pareceu-lhe ouvir bater na loja o fecho da porta. Devia ser engano, pensou. Desceu novamente e parou nos últimos degraus, amparando-se à parede.

A sala estava deserta. E mesmo antes de se sentar, aniquilado, na cadeira onde, pela última vez, se sentara a «Gioconda» ele sabia que a miniatura de Le Tour tinha desaparecido daquele sítio onde o veludo, pisado, desenhava ainda um oval mais escuro.

como um dos mais inesperados e deliciosos da sua existência.

E quando esse quarto de hora passou e ela se foi, ele sentiu-se só na vida pela primeira vez, e pela primeira vez desejoso de acabar com esse isolamento de tantos anos.

Olhou-se num velho espelho e viu brilhar nas fontes a espessura descuidada dos cabelos grisalhos.

Viu as duas rugas fundas que lhe rodeavam a boca. Achou-se velho como nunca, porque talvez nunca se tivesse observado, e, simultaneamente, achou-se capaz das decisões mais juvenis e extraordinárias.

O resto da tarde decorreu com uma rapidez desnusada, onde se atropelavam sonhos, projectos e o «minuto» de Mozart anunciando a hora de fechar teve aos ouvidos dele ressonâncias vitoriosas de fanfarra.

«A Gioconda» tornou mais vezes. Sentava-se a conversar, falava do passado, da infância, em farrapos de confidências com imagens curiosas, que o faziam rir e o enterneciam.

Nunca se deixava partir sem que ela lhe promettesse voltar. E ela voltava, ao entardecer — estava empregada como bibliotecária ali perto — e deixava-se ficar até que os empregados (eram dois, um raparigo, que atendia, em baixo e um homem que estava encarregado da sobre-loja) fechavam a porta.

E ela descia depois a rua e perdia-se no multidão enquanto ele seguia para casa, em sentido inverso, tímido demais ainda para lhe propor acompanhá-la.

Chegaram assim às vésperas do Natal. Entretanto, a «Gioconda» esteve quase uma semana sem aparecer e a angustia incerteza daqueles dias deu ao antiquário a certeza dum sentimento contra o qual já nem valia a pena lutar.

Durante essas longas, arrastadas tardes de expectativa procurava nas «vitrines» da loja qual o objecto bastante delicado, bastante significativo, com o qual pudesse presentear-lhe e em si mesmo a coragem para lhe perguntar: quer ser minha mulher?

Havia topázios e ametistas em pesados engastes de prata, anéis e pregadeiras espalhados no moleiro do veludo escuro em torno da miniatura de Le Tour preciosa mas invendável com as suas enormes e falcantes gemas. Havia opalas tristes e turquesas doentes, agornizando em jóias que ninguém usava há muitos anos.

Estava um dia escuro, baço, quando a «Gioconda» voltou a entrar na loja. Pedro correu-lhe ao encontro e pensou que ela devia sofrer com frio sob o casaco preto, já que trocava. Fê-la sentar e viu que tremia. Achou-lhe um ar inquieto, alheio, observou-lhe o rosto crispado, as sobrinas frementes, a transparência das olheiras lilases, e sentiu-se inundado de ternura e amorosa compaixão. Não se cansava de a olhar e de fazer durante aqueles momentos únicos que antecediam o pronunciar das frases definitivas.

Demorou-se, conversando de coisas indiferentes até que os empregados saíram. Numa gaveta da secretária, na sobre-loja, estava a prenda que afinal escolhera, um anel de águas marinhas e onix dum bizarra magnificência eslava. Tardava-lhe colocar-lho no dedo, puxá-la para si, ver-lhe repousar o olhar amedrontado na perspectiva próxima dum vida feliz.

Deitou-se e subiu a escada correndo, com uma leveza de rapaz. Chegou acima um pouco sufocado e com o coração palpitando em desordem.

No momento em que abriu a gaveta e tirou o estojo pareceu-lhe ouvir bater na loja o fecho da porta. Devia ser engano, pensou. Desceu novamente e parou nos últimos degraus, amparando-se à parede.

A sala estava deserta. E mesmo antes de se sentar, aniquilado, na cadeira onde, pela última vez, se sentara a «Gioconda» ele sabia que a miniatura de Le Tour tinha desaparecido daquele sítio onde o veludo, pisado, desenhava ainda um oval mais escuro.



NÃO EXISTE NENHUM HABITANTE DO MUNDO CIVILIZADO QUE NÃO CONHEÇA KODAK NEM EXISTE NENHUM PONTO CONECTADO, NO MUNDO, QUE NÃO TENHA SIDO FOTOGRAFADO COM KODAK

Kodak

KODAK LTD • RUA GARRETT • LISBOA

ESQUECIMENTO

(Continuação da 1.ª pag.)

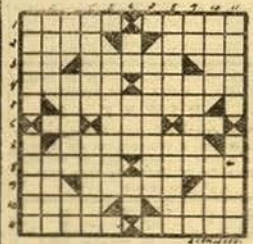
afamadas no domínio da cultura, da ciência e da política, suas contemporâneas.

Oriundo de família modesta, foi orientado, como ao tempo era natural, para a carreira eclesiástica, tendo entrado para os oratorianos com 14 anos. As suas capacidades de estudioso tornaram-no dotado e, por motivo de não concordância ideológica com um dos mais categorizados membros da sua ordem, desligou-se da congregação para se dedicar ao professorado. Bacon e Locke eram então, para ele, os pensadores norteantes do seu pensamento em oposição ao escolasticismo ainda reinante. Algum tempo depois, foi nomeado professor de filosofia moral e racional, no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mas pouco tempo aí se demorou.

Mais tarde, no exílio e desembarcando em Dover dirigiu-se para Londres, onde se avistou com alguns amigos, e depois para a Holanda. Correia da Serra auxiliou-o e, por fim, chegou a Paris. Ali, por intermédio dos seus amigos, duas possibilidades se lhe ofereceram: ocupar um lugar na administração na Fábrica de produtos químicos de Pelletier, ou tomar parte na expedição de Fourcroy e fazer a viagem de exploração científica até ao Egipto. Foi então que, devido a influências, lhe chegou a notícia de que o Governo português não só lhe tinha perdoado a fuga do país, como ainda o nomeava para um posto diplomático em Paris.

Depois de várias viagens por toda a Europa, inclusive a Rússia, onde na respectiva corte conheceu o filósofo alemão Herder, voltou a Portugal, para logo seguir para Berlim com funções diplomáticas. Ai casou e conheceu Schelling e Fichte, mas teve de abandonar o seu posto, diz-se, por imposição directa de Napoleão por ter conseguido habilitadamente descobrir os planos de conquista da península ibérica e tê-los comunicado a D. João VI. Apesar da sua agitada vida na época do rescaldo da revolução francesa, o nosso compatriota foi um fecundo publicista e as suas obras dedicadas ao direito, à filosofia, à matemática, ciências físico-naturais e também mineralogia, tiveram a honra de ser traduzidas e discutidas, com elevado respeito, nos centros científicos do estrangeiro. Acompanhou D. João VI, como conselheiro, na transferência para o Brasil, onde também se tornou célebre e agente do desenvolvimento intelectual da colónia, publicando aí uma série de conferências com o título «Preleções filosóficas», de grande valor e muito dignas de serem estudadas pela sua grande elevação ideológica e afirmação original do seu pensamento. Em 1821 foi nomeado ministro e nessa qualidade acompanhou o rei para Portugal. Várias vezes deputado tomou parte nos momentos mais decisivos da política da época, e por isso mesmo, vários desgostos o obrigaram a sair da pátria, onde veio morrer em 1846. Inocêncio Francisco da Silva, no seu Dicionário, em 1862, depois de pôr em relevo a acção notável de Pinheiro Ferreira na cultura nacional, diz: «a Academia Real das Ciências, contudo, não pagou até hoje à memória de tão benemérito e ilustre consócio o tributo de veneração que por tantos respetos lhe deve». É infelizmente a dívida continua em aberto...

Matrizes
entrelaçadas



HORIZONTAIS: 1 — Díez; traza, 2 — Amores; anel, 3 — Nó; luz; era, 4 — Os; topou; em, 5 — Dó; fado. 6 — Respirava, 7 — Causem; nó, 8 — As; édito; al, 9 — Sur; era; uso, 10 — Arez; apenas, 11 — Lares; alia.

VERTICAIS: 1 — Danos; casal, 2 — Inoz; fatura, 3 — Coz; deu; ser, 4 — Ar; tonse; ac, 5 — Zelo; pede, 6 — Su; primira, 7 — Zoar; tapa, 8 — Ra; ufuro; al, 9 — Ano; avo; uni, 10 — Vreda; eas, 11 — Alamo; cloa.

SELEÇÃO FOTOGRAFICA
13 — Rua da Misericórdia — 21
Telefone 2 046 — LISBOA

BEBE

REFRES-COLA

Nem é melhor, nem pior,

é ÚNICA!

MACLEAN
Pó-Estomacal

O MERCULHÃO DA

todas as garantias de uma boa transacção, mercê dos seus preços que dominam toda a concorrência e das lindas e artísticas peças que vendem, de ouro, pratas, jóias e antiguidades, curas de S. Paulo, 162. Casa fundada há 50 anos.

3\$00 8\$00

Tika
MATA

PERCEVEJOS
BARATEJOS
PULGAS
TRAÇA

COUTO, LD.ª — Porto
A VENDA EM TODA A PARTE
Portes gratis pelo correio